



88140157



PORTUGUESE A: LITERATURE – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LITTÉRATURE – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LITERATURA – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 10 November 2014 (morning)
Lundi 10 novembre 2014 (matin)
Lunes 10 de noviembre de 2014 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

Eu sei que é preciso dispor, a seu tempo, daquela ilusão distanciada com que, na infância, se substitui a aritmética pelos dedos ou, na adolescência, o grito anavalhado da corça pelo amor à entrada do pinhal num vago céu de outono.

5 O rapaz, em todo o caso, estava ali como uma sombra, ao cimo das escadas de granito, à espera.

Espera, inquieto, que o Vauxhall preto fretado pelo Prior, há mais de uma semana, na praça de Monsul, chegue a Vilar, por entre corridas cercas de muros e figueiras, e pare, à porta das do cabo, ainda ofegante no peso dos cromados, e o leve a Braga, por entre lágrimas, porque depressa se faz noite e há que chegar a Monte d'Arcos, onde é aguardado no seminário de Tamanca, ao fim
10 do dia.

Fechada em casa, a mãe não quer vê-lo partir, e a avó, inconsolável, como num luto, arrastará consigo já esse pressentimento, quando na madrugada de um longo, esquecido inverno, for encontrada morta sobre a costura a que ficara horas a fio na ânsia de acabar.

Qual cavalo cego, o fantasma não se fará anunciar.

15 Há tempos, entre amodorrados rostos de mulher, ao balcão do Jamaica, reencontrou-se com o álcool.

Por quem é, só o lodo do rio hoje o sabe, à hora em que os barcos rasam o cais, em direção à margem sul.

O medo volta. E, com o medo, volta a devastação.

20 A imagem não é a mesma. É a da voz incandescente, a do momento em que se enredam as linhas do coração.

Não vai há um mês que essa estranha fotografia, por artes que não o sabe, lhe veio ter às mãos.

Terá sido numa destas tardes quentes de verão em que se anda em tronco nu, descalço, quase às escuras, pela casa, com o passado às voltas, sem se saber porquê, à beira de um naufrágio.

25 Que rebuscava num fundo de baú de que nunca se desentranha o sal das viagens para o Brasil?

Nada, se nada há para rebuscar, a não ser um antigo passaporte, algumas cartas, a cor agonizante de um retrato.

Lá estava ela, a mãe, ainda moça, o cabelo apanhado à banda, as raparigas do seu tempo.

Primeiro vê-se a escada; depois, o adro, e atrás, a igreja, a cujo altar nunca viria a ser levada.

30 No ar, paira a ameaça de chuva, de tarde, ao fim do verão.

Não vem a propósito falar de nós, quando as palavras são poucas, e nenhuma imagem é a que cada um de si guardou.

Doeu-lhe esse abandono.

Aquele terno pudor da mãe solteira com que aceitou que o filho partisse essa manhã de outono.

35 O rapaz volta a vestir de preto. Espera inquieto, que possa descer a escada de granito.

Com ele não descerá ninguém, a não ser o ramo de hera que guarda esquecido entre os dedos, como um beijo que nunca lhe foi dado.

[...]

Vergílio Alberto Vieira, *Os telhados de Riomaggiore* (2007)

2.

Essa que eu hei de amar...

Essa que eu hei de amar perdidamente um dia
será tão loura e clara e vagarosa e bela,
que eu pensarei que é o sol que vem pela janela
trazer luz e calor a esta alma escura e fria.

5 E, quando ela passar, tudo o que eu não sentia
da vida há de acordar no coração que vela.
E ela irá como o sol, e eu irei atrás dela
como sombra feliz... – Tudo isso eu me dizia,

10 quando alguém me chamou. Olhei: um vulto louro
e claro e vagaroso e belo, na luz de ouro
do poente me dizia adeus como um sol triste.

E falou-me de longe: – “Eu passei a teu lado,
mas ias tão perdido em teu sonho dourado,
meu pobre sonhador, que nem sequer me viste!”

Guilherme de Almeida, *Os sonetos de Guilherme de Almeida* (1968)
